

O net-ativismo ameríndio brasileiro em período pandêmico¹

Thiago Franco²

Marcelo Rodrigo da Silva³

Taynnara R. de Oliveira Franco⁴

Resumo

Este artigo tem por objetivo expor como o net-ativismo ameríndio se articula nas redes digitais, levando em consideração a diversidade étnica e as vulnerabilidades sociais, durante o período pandêmico. Trata-se de um estudo de caso, a partir da análise de três perfis de *Instagram*: @midiaindiaoficial, @apiboficial e @visibilidadeindigena. Mediante análise, constatou-se que as publicações desses perfis são marcadas pela: I) mobilização e divulgação acerca dos cuidados em período pandêmico, vacinação e atualização de dados estatísticos (vacinados, mortos e contaminados); II) conscientização e denúncia de violações dos direitos dos ameríndios; e, III) divulgação de suas conquistas no campo das artes, estudos, legislações, entre outros. Assim, entende-se que os povos originários passam a habitar nesses espaços digitais, como ecossistema, tanto de luta quanto de resistência.

Palavras-chave: Net-ativismo ameríndio; Comunicação digital; Instagram; Covid-19; Povos originários.

Introdução

A existência dos agentes não humanos, bem como a porosidade das ações dos Estados é ressaltada pelas possibilidades das conexões globais e interplanetárias. O vírus SARS-Cov-2 (covid-19), de proporção mundial, conecta todos em Gaia⁵. Diante disso, é possível perceber o quanto a humanidade é frágil e o que se tem feito para manter a vida humana, com especial destaque aos povos amazônicos.

A Amazônia brasileira ocupa a 61% do território nacional, o que equivale a uma área aproximada de 5,2 milhões de quilômetros quadrados. As Terras Indígenas, em sua maioria, concentram-se nesta região. Ao todo são 110 milhões de hectares onde vivem 60% da

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT6) Comunicação digital, inovação e tecnologias, atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Doutor em Ciências da comunicação. Professor adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: thiagofrancoufam@gmail.com.

³ Doutor em Estudos da Mídia. Professor adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: prof.marcelorodrigo@gmail.com

⁴ Mestranda em Educação. Professora Bolsista do Departamento de Educação Infantil, da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: taynnara.rp@gmail.com

⁵ A hipótese de Gaia difundida como grande organismo vivo, a partir das proposições de James Lovelock, vem passando por revisitações. Latour (2020) e Di Felice (2019) destacam as características assimétricas, reticulares e diversas de Gaia. Não se trataria de um organismo vivo, mas de redes de agentes que formam o que se entende por Gaia. Latour (2020) mais precisamente descontrói a imagem de um planeta Terra uniforme, para pensar um grande sistema disforme. Di Felice (2019) mostra a integração não só de seres vivos, mas de tecnologias, algoritmos, humanos e não humanos.

população ameríndia brasileira, estimada em 440 mil pessoas, e mais de 160 línguas diferentes. Ainda pode-se destacar a presença de 180 diferentes povos ameríndios, bem como grupos que são considerados “isolados”, isto é, que optaram por não ter contato com a sociedade, como é o caso de 114 registros de ameríndios (COIAB, 2020).

Baseado nos dados disponíveis pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), coletados em 13 de março de 2021, havia 50.545 casos confirmados, 1005 mortes e 163 povos afetados pela pandemia da covid-19 (APIB, 2021). Outras preocupações, além da pandemia, em relação aos povos indígenas também permanecem, como os garimpos ilegais e o desmatamento. Nesse cenário, é indiscutível o risco de dizimação que esses povos tradicionais possuem.

Conforme veremos nas próximas páginas, o net-ativismo indígena se torna uma prática reivindicatória de direitos e de denúncias durante a pandemia, da covid-19. Condição que revela a diversidade cosmológica dentro de uma resistência tecnológica e organizada pelos povos da floresta no Brasil.

Recortes sobre o net-ativismo

O ocidente acabou criando um modelo no qual antepõe o estilo de vida em detrimento a própria vida. Este é um modelo cosmo-fágico (FRANCO; SILVA, 2020), caracterizado por atacar demais cosmologias (línguas, cultura, práticas etc.) que existem em Gaia. Esses ataques são realizados pelo Estado e por todos os que não consideram a diversidade e a riqueza existente na cosmologia. Desse modo, encontramos a resistência dos povos da floresta sob várias facetas e em uma delas existe o net-ativismo.

O net-ativismo, considerado como um ativismo digital, utiliza-se da computação móvel, do uso e da análise de Big Data. É uma posição atualizada em relação ao conceito de ciberativismo⁶ ou ainda webativismo, estes últimos, estão atrelados à Internet 1.0 e 2.0. Desse modo, o net-ativismo é uma manifestação ecológica e/ou reticular, que envolve o orgânico e o inorgânico, perante sua legitimidade. É uma manifestação, em alguns casos uma associação involuntária, um protesto cibernético que, emerge nas redes, em nome de uma causa e pode ir para as ruas. Ocorre independentemente da posição política. Está relacionado a uma prática e a um comportamento que envolve tecnologia, algoritmo, inteligências cibernéticas, humanos e não humanos, no uso e no contexto de atores reivindicadores.

⁶ Não vamos aprofundar nas diferenças de Net-ativismo, ciberativismo e webativismo. Contudo recomendamos a leitura de Di Felice (2013; 2017), para a adentrar ao assunto.

O processo interação/interatividade que envolve os atores das redes net-ativistas descartam a centralização do sujeito e marcha para uma expressão complexa e ecológica que conecta a diversidade de naturezas e seus atos colaborativos. O conceito de net-ativismo apresenta contradições na sua construção linguística, pertinentes ao cenário em que vivemos hoje.

Devemos lembrar que o prefixo “Net” advém da língua gótica, e foi usado como termo de significado completo, pelo rei Ælfréd de Wessex, em sua tradução de *Boethius* por volta do ano 888. *Nett* e *nette* é rede, rede de pescadores, termo já presente nas traduções bíblicas anglo-saxãs medievais. Obviamente, o termo assume o significado da conexão, do conectar coisas e pessoas, ao longo da trajetória ocidental. Desse modo, muito próximo da investigação latina do termo *reti*, conforme apuração de Musso (2004).

Assim a expressão net-ativismo é a conexão de dois termos opostos, na essência da sua construção histórica do significado, da palavra. Até o surgimento das redes digitais os modelos de ativismo remetiam aos atores e/ou entidades centralizadores no movimento reivindicatório, conforme lembra Di Felice (2013). Os movimentos sociais, as ações ativistas assumiam representantes, sujeitos que falavam em nome de alguém.

Com as redes digitais, Di Felice (2013; 2017) mostra que agora todos (humanos e não humanos) reivindicam em rede, sob diversas pautas. Portanto, net-ativismo é um oxímoro que indica modos de operações nas redes digitais, que conecta diversos membros, sem a figura centralizadora do sujeito, é uma ecologia, uma rede complexa de atores, em ambiente de tecnologia.

No processo histórico de apropriação das tecnologias, as comunidades ameríndias passam a usar desse recurso para expor suas dificuldades e mazelas de toda natureza. O net-ativismo indígena (ou ameríndio) é tido como o encontro dos movimentos ativistas indígenas que já existiam com as novas formas de ativismo digital (PEREIRA, 2017).

Procedimentos metodológicos

Este artigo tem o objetivo expor como o net-ativismo ameríndio se articula nas redes digitais, levando em consideração a diversidade étnica e as vulnerabilidades sociais, durante o período pandêmico. Portanto, destaca-se um estudo de caso, de três perfis no *Instagram*.

A escolha do dessa rede social se deu por causa de sua popularidade e capilaridade. Consoante o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae (2020), o *Instagram* é a rede social que mais cresce no mundo. Atualmente, ela possui mais de 500

milhões de contas, média de 1,5 bilhão de curtidas por dia, além disso, é 15 vezes mais interativa do que o *Facebook*.

No que tange aos perfis de *Instagram* analisados, foram considerados os seguintes critérios: a) mais de 50 mil seguidores; b) sem fins comerciais; c) representação de um coletivo ativista em prol dos interesses ameríndios; e d) criado por ativistas ameríndios brasileiros. Esses perfis foram levantados, a partir da *hashtag* #povosindígenas no próprio *Instagram*.

Diante dos critérios estabelecidos, os perfis selecionados foram:

Quadro 1: perfis selecionados para o estudo de caso

Nome	Perfil	Seguidores	Publicações
Mídia Índia Oficial	@mediaindiaoficial	118.000	5.359
Articulação dos Povos Indígenas do Brasil	@apiboficial,	80.800	3.752
Visibilidade Indígena	@visibilidadeindigena	57.300	393

Fonte: elaborado pelos autores

As discussões e resultados apresentados, neste trabalho, foram desenvolvidas com base na análise dos conteúdos das últimas postagens feitas até o dia 13 de março de 2021 em cada perfil, relacionadas à pandemia de Covid-19.

Resultados e discussões

O primeiro perfil analisado, @mediaindiaoficial, destaca-se por compor o projeto Mídia Índia Oficial. Este refere-se a um “[...] projeto de rede de comunicação formada por jovens indígenas que está em formação e construção”, no qual existe desde de 2017. A mídia índia objetiva “[...] se fortalecer como uma porta voz da luta indígena nas redes sociais, podendo se fortalecer também enquanto uma mídia independente”. Atualmente, possui muitos jovens ameríndios brasileiros que participam na divulgação e difusão de pautas relevantes as causas indígenas. (MÍDIA ÍNDIA, 2021, on-line).

Fazendo um levantamento das últimas publicações realizadas pela Mídia Índia, referentes a pandemia, destaca-se a campanha “Vacina Parente”. Esta campanha foi criada pela Fundação Amazonas Sustentável (FAS), para combater os impactos da propagação de desinformações que as *Fake News* levaram aos territórios ameríndios acerca da vacinação. Assim, foi produzido um material informativo, em áudio, e ações pontuais (com distribuição de panfletos) para conscientizar sobre a importância da vacina, imunizando a população

ameríndia. Portanto, a @midiaindiaoficial divulgou o trabalho elaborado pela Fundação, por meio de seu *Instagram*.

Figura 1. Mosaico de publicações do perfil @midiaindiaoficial, todas do dia 12 de março de 2021.



Fonte: *Instagram* @midiaindiaoficial

O perfil no *Instagram* ainda destacou, em 10 de março de 2021, os dados divulgados no Boletim Epidemiológico da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), e publicados pela APIB, que a porcentagem dos ameríndios já contemplados pela 2ª dose, correspondem a um total aproximado de 37% de toda população ameríndia do país, além dos 270.692 que tomaram apenas a primeira dose.

Além dos quantitativos divulgados sobre o alcance da vacina, destaca-se também, a celebração da chegada da vacina em povos mais isolados, como a comunidade Hupda, localizada no Alto Rio Negro, Amazonas.

O segundo perfil analisado foi o @apiboficial. A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), foi criada por um movimento ameríndio no Acampamento Terra Livre (ATL), em 2005. Conforme o site da APIB (2021), o ATL corresponde a uma mobilização nacional, que ocorre anualmente desde 2004, com objetivo de “[...] tornar visível a situação dos direitos indígenas e reivindicar do Estado Brasileiro o atendimento das suas demandas e reivindicações”. A APIB reúne organizações regionais indígenas e nasceu com três propósitos:

- I) fortalecer a unidade dos povos indígenas e a articulação entre as diferentes regiões e organizações indígenas do país;
- II) unificar a luta dos povos indígenas, a pauta de reivindicações e reivindicações e as políticas do movimento indígena;
- III) mobilizar os povos e organizações indígenas do país contra as ameaças e atentados aos direitos indígenas. (ABIP, 2021, on-line).

As publicações mais recentes no perfil do *Instagram* da APIB, relacionadas à covid-19, correspondem ao alarmante número de mais de 1000 vidas perdidas, durante um ano de

pandemia. Entre essas mortes, é destacado, em nota de pesar, o falecimento de Lauro Fidelis Baniwa⁷ e de Tabata Kuikuro⁸. As notas foram feitas pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), e compartilhadas pela APIB.

Outro ponto em destaque nas publicações realizadas, se deve a divulgação da campanha #VacinaParente, assim como já apresentado no perfil do Mídia Índia, em diversos *posts* no *Instagram*.

Figura 2. Mosaico de publicações do perfil @apiboficial,



Fonte: *Instagram* @apiboficial

As três primeiras imagens, correspondem a publicações realizadas no dia 13 de março, já a última, realizada no dia 11 do mesmo mês.

O perfil @visibilidadeindígena faz parte de um projeto com o mesmo nome, Visibilidade Indígena (VI), que se autodenomina como uma rede etnomídia, ou seja, que foca na produção de conteúdo para ameríndios. De acordo com o site do VI (2021) o projeto surge em 2017, no *facebook*, e visa “[...] amplificar vozes através da divulgação da arte contemporânea, do entretenimento, do cinema e das culturas dos povos indígenas”. “[...] Em 2019, a plataforma experimental CINENATIVO foi fundada. Com a curadoria dos filmes feita pelo cineasta Karkará Tunga, o CINENATIVO disponibiliza conteúdo audiovisual online e gratuito com foco no cinema indígena”.

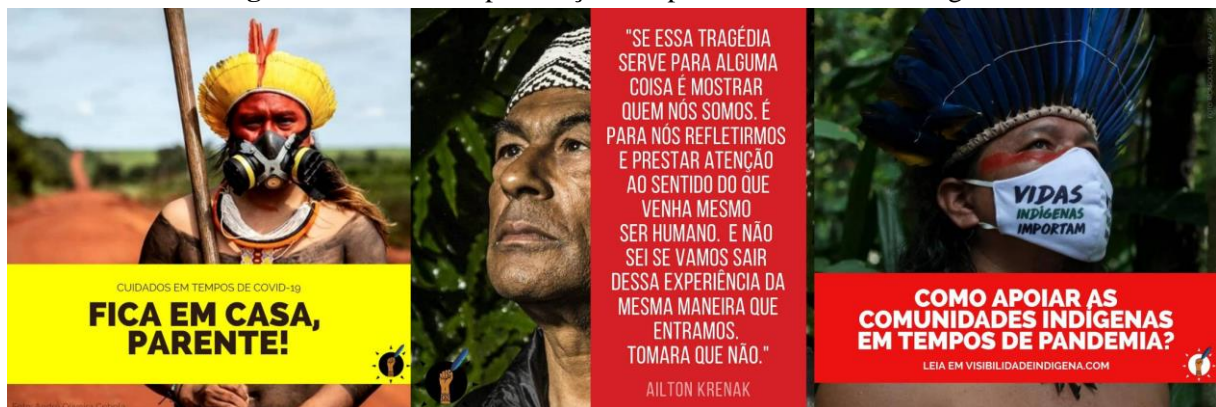
As últimas publicações relacionadas à covid-19, foram postadas em 2020. Não foram constatados *posts* em 2021 alusivos à pandemia. Os que foram postados fazem parte de uma sequência de *cards* para orientar os ameríndios e apoiá-los. Conforme apresentado na figura 3, a primeira publicação, divulgada 03 de abril de 2020, menciona, em sua legenda, sobre a importância da divulgação de informações confiáveis, bem como informar que as aldeias ameríndias estavam recebendo (precisavam) de doações.

⁷ Lauro Fidelis Baniwa é pai do compositor, ator, militante e liderança indígena Fidelis Baniwa.

⁸ Pertencente ao povo Kuikuro, Tabata foi considerado como uma grande liderança, na atualidade, e muito ativo nos movimentos sociais e na luta pelos direitos dos ameríndios.

A imagem do meio remete a uma das frases de Ailton Krenak⁹ em relação a pandemia. A última publicação pelo perfil do *Instagram*, aconteceu em setembro de 2020, e mostra como é possível ajudar as comunidades ameríndias, destacando: a) colaboração com financiamentos coletivos; b) acompanhamento nas redes sociais e organizações indígenas para se informar sobre o que tem acontecido com os esses povos em tempos pandêmicos; c) formas de apoiar os produtores e empreendedores indígenas; d) formas de apoiar os artistas; e) compartilhamento de notícias, projetos e financiamentos.

Figura 3. Mosaico de publicações do perfil @visibilidadeindígena



Fonte: *Instagram* @visibilidadeindígena

Não foram constatadas publicações mais recentes acerca da covid-19, nem sobre a vacinação, como analisado nos perfis anteriores, pois, o propósito desse perfil, como já mencionado, concentra na divulgação da arte contemporânea ameríndia.

Nesse sentido, ao analisar os conteúdos dos diferentes perfis de *Instagram* foi possível perceber o enfoque de cada um deles. O @visibilidadeindígena, como já mencionado anteriormente, tem o intuito de ampliar a visibilidade das produções artísticas dos ameríndios a partir da divulgação por meio das redes sociais. Isso justificaria o fato das publicações encontradas acerca da covid-19 terem sido postadas ainda em 2020. Todavia, ainda que de modo menos expressivo, este perfil divulgou e informou seus seguidores a respeito da pandemia que acomete o mundo atualmente.

Tanto o @midiaindiaoficial quanto a @apiboficial utilizam o *Instagram* para versar temas majoritariamente políticos e legislações que contemplam os direitos dos ameríndios. Por isso, há também grande quantidade de publicações voltadas a informação sobre o período

⁹ “Líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro. É considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo reconhecimento internacional. Pertence à etnia indígena crenaque.” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ailton_Krenak. Acesso em: 13 mar. 2021.

pandêmico, conscientização das medidas necessárias para a prevenção, e ações de incentivo a vacinação.

Nota-se que espaços virtuais têm sido cada vez mais utilizados pelos ativistas ameríndios. Consequentemente, por meio desses canais de comunicação digitais, como as redes sociais, identificamos que o espaço por eles utilizado são como uma extensão de suas experiências. Assim, é possível ver as interações entre os ameríndios conectados, em uma rede de ações e consciência, nas quais passam também a representá-los no âmbito digital diante dos demais grupos da sociedade.

No período pandêmico não é muito diferente. Tem se sobressaído grupos net-ativistas que nas redes sociais produzem os seus conteúdos como forma de alcançar seus pares, que poderiam não ser atingidos por meio de outros veículos de comunicação (como os veículos tradicionais). As publicações possuem posicionamentos de resistência e confronto à Covid-19, atuam com a finalidade de informar a comunidade ameríndia brasileira.

A respeito dos veículos tradicionais de comunicação, Pereira (2012) mostra que, no passado, a mídia tradicional se ocupava em apresentar uma imagem do ameríndio agressor ou agredido, retratado sem voz. Com as redes digitais a voz indígena assume um papel de representação da própria comunidade.

Minardi (2012) já diz que era enfatizado o estereótipo dos ameríndios serem preguiçosos, e como diferente dos demais grupos sociais, por vezes reforçando uma ideia que remete aos ameríndios na época do Brasil Colônia. Ademais, consoante Batista, Silva e Simas (2015), em um estudo analítico realizado por eles, verificou-se que o termo indigenismo remete a ideia que os ameríndios são ou foram ou tutelados pelo Estado, levando a uma ideia errônea de incapacidade dos indígenas.

Nesse aporte teórico mencionado no parágrafo anterior, a partir das pesquisas feitas, constata-se a que os ameríndios possuem pouco espaço de fala. Isso acontece inclusive em órgãos públicos destinados a esse grupo.

É nesse cenário existente que as comunidades ameríndias encontram na internet um espaço apropriado para discussões e alcançarem visibilidade que necessitam para expor posicionamentos, reflexões e comunicar com outros ameríndios. Por meio do *Instagram*, é notório o cuidado em alertar as comunidades ameríndias sobre os riscos do corona vírus, a importância do uso de máscara, e a mobilização para que todos possam se vacinar. A partir desse movimento, tem-se reações e *feedbacks* mais efetivos por meio dos grupos que acompanham as páginas de modo engajado e atuante.

Cabe ressaltar ainda que além das publicações referentes à Covid-19, outros temas que são identificados nesses perfis analisados estão relacionados a: Articulação Nacional das Mulheres Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA), de Mulheres Indígenas de todos os biomas do Brasil; desmatamento e venda de terras protegidas da Amazônia, do cerrado etc.; legislações que envolvem os povos ameríndios; e divulgação de conquistas desses povos (publicação, participação de filmes, exposições, entre outros). Assim, identificamos que as redes digitais são utilizadas como canal de comunicação de modo estratégico para unir ações de resistência em defesa da sobrevivência dos povos originários.

Outro ponto observado tange a articulação entre os perfis de *Instagram* que criam e fortalecem redes no ambiente virtual. Há a presença de colaboração mútua mediante as comunidades net-ativistas ameríndias, fortalecendo, portanto, uma rede ainda maior: rede de redes. Conforme explana Schwartz (1996), cria-se um ecossistema que amplia o *network* e, por isso potencializa o alcance com as comunidades interconectadas, por meio de marcação em perfis que são parceiros, *reposts* e compartilhamentos.

A publicação da sequência de cards “7 ideias totalmente erradas sobre os povos indígenas”, postada pelo @visibilidadeindigena (9.294 curtidas) foi compartilhada pela @apiboficial (5.870 curtidas). O conteúdo alerta os preconceitos e estigmas difundidos acerca dos povos originários. Também é percebida diversas publicações de mobilização para a vacinação dos ameríndios, com o apoio da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), Articulação Dos Povos e Organizações Indígenas Do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME), entre outras associações, a partir da campanha “#Vacinarente”.

Considerações Finais

A partir das análises feitas, é possível compreender que o *Instagram* está sendo habitado pelos ameríndios, pois nesta plataforma eles encontram suporte que permite à amplificação da comunicação feita pelos proprietários dos perfis para as etnias brasileiras. Por meio dela, especialmente durante o período pandêmico da Covid-19, as informações acerca desse tema têm sido propagadas, de forma estratégica, inclusive pelos grupos ativistas, reunindo as comunidades conectadas e atuantes, promovendo sistemas macro de comunicação. Essa comunicação é feita a partir das redes de redes net-ativistas ameríndias.

Nos perfis de *Instagram*, percebe-se que as comunicações apresentadas pelos grupos ativistas, advém do universo cosmológico no qual compartilham modos de compreender o

mundo e a sua existência, suas experiências, de como tem sido enfrentar doenças, ditas como “doenças do homem branco”, que têm ameaçado a existência das comunidades e etnias ameríndias nacionais e internacionais.

O compartilhamento das informações trata-se de uma necessidade urgente em buscar, de alguma forma, apoio à manutenção da saúde dos povos originários. A partir desse contexto, verificou-se ainda mais a articulação e empenhos dos grupos net-ativistas.

A audiência nas plataformas virtuais tem aproximado mais as pessoas em período de isolamento social. Assim, essas plataformas funcionam como canal de notoriedade e que propicia acesso aos mecanismos de ajuda humanitária e assistência.

Mediante as análises dos conteúdos veiculados nos perfis selecionados, destaca-se que, de modo geral, as publicações são marcadas pela: I) mobilização e divulgação acerca dos cuidados em período pandêmico, vacinação e atualização de dados estatísticos (vacinados, mortos e contaminados); II) conscientização e denúncia de violações dos direitos dos ameríndios; e, III) divulgação de suas conquistas no campo das artes, estudos, legislações, entre outros.

O *Instagram* passou a ser uma rede na qual os povos originários habitam, como ecossistema, tanto de luta quanto de resistência. Nela é observado um espaço no qual a defesa da sobrevivência desses povos, seus modos de vida, cosmologias, conhecimentos e formas de expressão se fazem presentes.

Por fim, a partir da análise amostral, entende-se que os ameríndios encontram no ambiente digital uma extensão da vida em Gaia. Por meio dele é estabelecido canal cujo suas conexões e redes se ampliam para além das aldeias e florestas, podendo alcançar aldeias globais.

Referências

ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL (APIB). **Emergência indígena**: plano de enfrentamento da Covid-19 no Brasil. 2021. Disponível em: <https://apiboficial.org/emergenciaindigena/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

BATISTA, D.; SILVA, L.; SIMAS, H. O outro lado do índio: representações sociais na mídia. **Revista Relem**. Parintins, v. 6, n. 11, p. 141-151, jul./dez., 2015.

COORDENAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA (COIAB). **Quem somos**. 2020. Disponível em: <https://coiab.org.br/quemsomos>. Acesso em: 19 out. 2020.

DI FELICE, M. **Net-attivismo, dall azione sociale all atto connettivo**. Roma: ed. Estemporanee, 2017.

DI FELICE, M. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. **Revista Matrizes**, USP, v. 7, n. 2, p. 49-71, 2013.

FRANCO, Thiago C.; SILVA, Marcelo Rodrigo da. Cosmofagia e net-ativismo indígena brasileiro, durante a pandemia da Covid-19. **Chasqui Revista Latinoamericana de comunicación**. Quito-Ecuador, n. 145, p. 181-196, dez., 2020.

MÍDIA INDIA. **A voz dos povos apresentando Mídia Índia**. 2021. Disponível em: <https://www.midiaindia.com/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

MINARDI, D. **Mídia e Representações Sociais Indígenas**: Caso do ataque ao acampamento Guarani Kaiowá. Brasília: VIII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, UnB, 2012.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (Org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p.17-38.

PEREIRA, E. Net-ativismo indígena brasileiro: notas sobre a atuação comunicativa indígena nas redes digitais. In: PEREIRA, E. S. DI FELICE, M.; Pereira, E. S. (Org.). **Redes e ecologias comunicativas indígenas**: as contribuições dos povos originários à teoria da comunicação. São Paulo: Paulus, 2017.

PEREIRA, Eliete da Silva. **Ciborgues indígen@s.br**: a presença nativa no ciberespaço. São Paulo, Annablume, 2012.

SCHWARTZ, E. **Net Activism**: How Citizens Use the Internet. O'Reilly Media, 1996.

SEBRAE, SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Instagram para empresas**: 10 dicas para promover seu negócio. 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/al/artigos/10-dicas-para-promover-o-seu-negocio-no-instagram,e11da535c0597510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 19 out. 2020.

VISIBILIDADE INDÍGENA. **Sobre o VI**. 2021. Disponível em: <https://www.visibilidadeindigena.com/quem-somos>. Acesso em: 03 mar. 2021.